



Perda Auditiva na África do Sul: idade da intervenção e necessidade de apoio aos pais

Amanda Monteiro Magrini*
Teresa Maria Momensohn –Santos**

Spuy, TV, Pottas, L. Infant hearing loss in South Africa: age of intervention and parental needs for support. *Int. J. Audiol.* 2008; 47 (1): 30-5.

A detecção precoce da perda auditiva por meio da triagem em recém-nascidos (TAN), nos últimos anos, tem sido uma prática em saúde. Seu objetivo é identificar, o mais precocemente possível, a perda auditiva de forma adequada. A maior parte das publicações registra resultados de programas implantados em países desenvolvidos, e dados mais próximos de realidades semelhantes às brasileiras são em número menor. Essa é a razão do interesse em apresentar esta resenha.

As autoras deste texto, inseridas no Departamento de Distúrbios da Comunicação, na Universidade de Pretória na África do Sul, têm o objetivo de verificar a necessidade dos pais quanto à detecção da perda auditiva de forma precoce e quanto à intervenção realizada na província de Western Cape, na África do Sul. Este tema, ainda é destaque nos países considerados em desenvolvimento como a África e o Brasil.

A coleta de dados foi realizada por meio de dois questionários, um de caráter quantitativo e outro qualitativo, dessa forma, foi possível conhecer o que os pais pensavam sobre todo o processo, e também analisar os dados e determinar a validade e confiabilidade dos resultados obtidos. A coleta de dados aplicação ocorreu em uma pré-escola multicultural e multilinguística¹ na qual funcionava um programa de reabilitação auditivo oral para

crianças na faixa etária de dois meses a sete anos, na província de Western Cape, na África do Sul.

O texto é interessante devido ao olhar dos autores que não se concentraram só em detectar a presença ou ausência da audição, e sim por analisar o conjunto de características e fatores que podem interferir nessa detecção precoce, tais como a etnia, a idade, o local de moradia, informações quanto ao diagnóstico e aspectos financeiros.

A leitura do texto permite verificar que as desigualdades sociais oriundas do regime político apartheid também interferiram no diagnóstico precoce da perda auditiva. Dos 54 pais participantes da pesquisa, 43% eram brancos, 7% negros, 48% de mestiços (coloured) e 2% asiáticos. A maioria falava Afrikaans (57%), 33% o idioma inglês, 8% falavam Xhosa e 2% utilizavam outras línguas para se comunicarem. Todos os pais que participaram da pesquisa possuíam um ou mais filhos com perda auditiva neurossensorial bilateral e frequentavam um programa específico de orientação de reabilitação na pré-escola. Dessas crianças, 78% utilizavam aparelhos auditivos, enquanto 22%, implante coclear.

O questionário com perguntas fechadas foi dividido em quatro subcategorias: informações biográficas; intervenção precoce da perda auditiva; experiência dos pais com o diagnóstico; e

*Mestranda do Programa de estudos pós graduados em Fonoaudiologia PUCSP. **Professora Titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUCSP.

¹Multilinguístico - [Linguística] Situação de uma comunidade, de uma região, de um estado, etc., em que são faladas várias línguas. [Linguística] Domínio de várias línguas por parte de um falante. <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=multilinguismo>

necessidade de suporte, aconselhamento dos pais e respostas a suas dúvidas.

No estudo resenhado, o processo de intervenção foi definido como a atividade proposta depois do diagnóstico, englobando amplificação auditiva apropriada e a participação em um programa de intervenção precoce de orientação para a família.

No questionário com característica qualitativa, participaram 10 pais. O objetivo nesse grupo foi conhecer o processo emocional e as diferentes visões sobre determinado tema. Cada grupo de discussão era gravado e transcrito para posterior análise de dados e discussões.

Na análise dos dados coletados os autores encontraram que:

- A idade média do diagnóstico da perda auditiva era de 23 meses variando de dois a 27 meses, sendo que 17% dos pais comunicaram não ter certeza quanto à realização da triagem auditiva depois do nascimento; 37% informaram que seus filhos foram diagnosticados antes da idade de 12 meses e 24% realizaram a triagem auditiva neonatal. Das crianças que não foram triadas ou que apresentaram respostas duvidosas, apenas 23% referiram um teste auditivo. As análises estatísticas indicaram um efeito significativo da etnia sobre a idade no diagnóstico, ou seja, as crianças brancas eram diagnosticadas, em média, mais cedo do que as de outras raças.

- No aspecto idade, em valores médios, para iniciar a adaptação do aparelho auditivo, somente 24% dos pais relataram que seu filho foi beneficiado com o aparelho auditivo antes da idade de 12 meses. A média entre o tempo do diagnóstico e a prescrição do aparelho de auditivo foi de cinco meses, variando de 0 a 36 meses. Mais uma vez, a análise estatística reforçou o efeito significativo da etnia na idade inicial para a adaptação do aparelho auditivo nas crianças brancas, entre 0 a 12 meses.

- A idade para ingressar no programa de intervenção precoce foi, em média, de 31 meses, variando de dois a 76 meses, sendo que somente 22% das crianças participavam de um programa de intervenção precoce antes dos 12 meses. O intervalo de tempo entre o diagnóstico e a entrada no programa de intervenção era de oito meses, variando de 0 a 36 meses. As análises estatísticas reforçaram, mais uma vez, o efeito significativo da etnia sobre a idade, com crianças brancas iniciando a intervenção precoce mais cedo, entre 0- 12 meses de idade em comparação com outras etnias.

- A análise qualitativa mostrou que os pais estavam satisfeitos em receber cedo o resultado da perda auditiva por um profissional qualificado, porém ainda era uma experiência traumática e de grande peso emocional. Segundo os autores, há a necessidade de ajuda no momento do diagnóstico, para lidar com os aspectos emocionais dos pais sobre a questão da perda auditiva da criança; os pais valorizavam a empatia, o apoio e o aconselhamento dados pelo fonoaudiólogo e, também, que o tempo despendido para classificar o tipo e o grau da perda auditiva deveria ser o mais curto possível, pois esse é um período de espera traumático. Ressaltaram, ainda, serem necessárias informações sobre as possibilidades tecnológicas, assistência financeira para a aquisição dos aparelhos auditivos, do implante coclear, de serviços especiais, de transporte e de equipamento audiológico adicional. Os pais relataram, também, vontade de participar de grupos de apoio, que os orientassem sobre a gestão financeira, visto que suas crianças demandam muitos recursos.

A análise deste artigo reforça, cada vez mais, a necessidade da implantação e organização de programas de intervenção precoce relacionados a perdas auditivas na criança. Percebe-se que os recursos de diagnóstico, intervenção e acompanhamento destas crianças, na África do Sul, ainda são precários. Os pais pedem orientação, estrutura cultural e socioeconômica para o efetivo funcionamento dos programas de triagem auditiva neonatal.

O texto conduz à reflexão de dois pontos importantes. O primeiro vai em direção da diferença étnica, destaque no resultado desta pesquisa, e que mostra que mesmo após a queda do regime da apartheid essa diferença ainda existe. O segundo aspecto, é a demanda de apoio e estrutura emocional que os pais dessas crianças explicitam quando dizem precisar de orientação continuada e aconselhamento, tanto para os cuidados com seus filhos quanto para o gerenciamento financeiro da família.

Recebido em novembro/12 **aprovado em** setembro/13

Endereço para correspondência

Teresa Maria Momensohn –Santos

E-mail: posfono@puccsp.br